

PARINTINS: SOB O PÉ DA SAMAUMEIRA

Maria Auxiliadora Ferreira da Costa¹

RESUMO: Este artigo intitulado *Sob o pé da Samaumeira*, a partir da escritura do historiador, visa mostrar o registro dos romancistas Márcio Souza, Wilson Nogueira, Milton Hatoum, do poeta Alfredo Saunier e dos cancioneiros Chico da Silva e Fred Góes, que se utilizam da literatura para abordar a cidade de Parintins, uma ilha localizada às margens do rio Amazonas. Trabalho numa linha dialógica, pautada na teoria bakhtiniana, em que a palavra faz parte do contexto social e que na literatura o texto precisa deste contexto para ganhar a sua existência. Abordo a cidade de Parintins, na visão do historiador e a cidade sob o olhar do escritor, do poeta, para perceber nos recortes da produção artística de determinados contextos da cidade de Parintins.

PALAVRAS-CHAVE: Parintins, literatura, Samaumeira, poeta, cancioneiro.

RESUMEN: En este artículo titulado *Bajo los pies de Samaumeira*, desde la escritura del historiador, tiene como meta mostrar el registro del novelistas Márcio Souza, Wilson Nogueira, Milton Hatoum, poeta Alfredo Saunier y cancioneros Chico da Silva e Freddy Góes que usan la literatura para hacer frente a la ciudad de Parintins, una isla situada a lo largo del río Amazonas. Yo trabajo en una línea dialógica, basado en la teoría de Bakhtin, en el que la palabra es social y texto literatura necesita un contexto para hacer su existencia. Me acerco a la ciudad de Parintins, en la visión del historiador, y la ciudad bajo la mirada del escritor, del poeta para darse cuenta de los recortes de la producción artística de ciertos contextos de la ciudad de Parintins.

PALABRAS CLAVE: Parintins, literatura, Samaumeira, poeta, cancionero.

INTRODUÇÃO

Parte da história da humanidade ficou conhecida, devido aos registros por meio da arte e da literatura, principalmente nas primeiras representações artísticas, observadas nos desenhos dos povos antigos, como nas histórias narradas sobre cotidianos, no início dos registros da escrita. Assim, a cultura, as tradições foram definindo a identidade dos povos e as cidades foram sendo construídas e constituídas, no formato de cada grupo social. Nesses primeiros vislumbres de arte (plástica ou literária), elaborados nestes períodos, o artista já pontuava as suas características individuais na obra, mas o seu olhar estava direcionado para a coletividade:

¹Graduada em Letras – Universidade do Estado do Amazonas - UEA; Pós-graduação em Literatura Brasileira – Thahiri; Pós-graduação em Educação de Jovens e Adultos – Universidade do Estado do Amazonas – UEA; Mestranda em Letras – Estudos Literários – Universidade Federal do Amazonas. E-mail: mauxfcosta@hotmail.com

Os elementos individuais adquirem significado social na medida em que as pessoas correspondem a necessidades coletivas; e estas agindo, permitem por sua vez que os indivíduos possam exprimir-se, encontrando repercussão no grupo. As relações entre o artista e o grupo se pautam por esta circunstância e podem ser esquematizadas do seguinte modo: em primeiro lugar, há necessidade de um agente individual que tome a si a tarefa de criar ou apresentar a obra; em segundo lugar, ele é ou não reconhecido como criador ou intérprete pela sociedade, e o destino da obra está ligado a esta circunstância; em terceiro lugar ele utiliza a obra, assim marcada pela sociedade, como veículo das suas aspirações individuais mais profundas. (CANDIDO, 2014, p.35)

Desta forma, a identidade coletiva, representada na obra, quando validada pelo grupo transforma-se num elemento social e que pode atender aos registros históricos para estudo de determinado homem, de determinado povo. No decorrer dos tempos, a literatura caminha de mãos dadas com a história, compactuando os seus relatos para um melhor entendimento do homem, enquanto ser social.

Para se chegar a esse entendimento, muitas culturas foram forjadas, na sua maioria, a fogo e água pelo domínio de quem detinha mais poder e esses acontecimentos foram registrados na prosa e poesia literária no decorrer dos séculos como forma de resguardar determinado acontecimento histórico, o que foi determinante para o conhecimento das civilizações.

Para falar sobre um lugar e seu habitante, faz-se necessário lançar um olhar sobre a sua cultura, na qual, “a cultura fundamental deve ser um prolongamento e uma reflexão do cotidiano. É na experiência com a terra, com o instrumento mecânico, com a máquina, com o seu grupo de trabalho, com a própria família, que o homem se inicia no conhecimento do real e do drama da vida em sociedade” (BOSI. 1992 p. 341), e nesse ato reflexivo cotidiano, nascem os escritores, poetas, cancioneiros, que relatam acontecimentos do dia-a-dia, relatos estes, pautados não somente na ficção ou no lirismo, mas para, denunciar, levantar bandeiras de lutas contra arbitrariedades, discriminação de grupos dominantes ou alienação dos povos na realidade.

Este artigo, intitulado *Parintins: Sob o pé da Samaumeira*, a partir da escritura do historiador, visa mostrar o registro do romancista, do poeta e do cancioneiro que se utilizam da literatura para abordar a cidade de Parintins, uma ilha localizada à margem do rio Amazonas. Trabalho numa linha dialógica, pautada na teoria bakhtiniana, em que “o texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo”

(BAKHTIN, 2011, p. 401) e desta forma, busco os recortes literários para refletir sobre esta cidade na tessitura do texto e contexto.

A ideia de utilizar a Samaumeira surgiu pelo fato de ser uma referência da cidade, na qual, devido ser uma ilha, é visível nas suas margens ou nos caminhos marítimos que circundam o município de Parintins:

A Samaúma é tida como a "Mãe da Floresta" pela altivez e pelo que se constitui. Chamam-na também de barriguda; sumaúma; samaumeira ou sumaumeira.

É também muito admirada por sua beleza natural, pelos mistérios que a cercam e pelas propriedades medicinais inexploradas. Sempre é ligada às coisas da natureza. (SOUZA. *Samaumeira*. Disponível em: <<http://www.famaamazonica.com/editorias/a-z/42-samaumeira.html>>)

E esta árvore é admirada não somente pelo povo nortista, pela sua beleza natural ou sua imponência, mas por várias pessoas das mais distantes regiões do mundo, devido à forma como propagam as suas sementes, que são expelidas e levadas pelo vento, contribuindo assim, com a proliferação da sua espécie. Comparando a esse processo, utilizo-me da literatura que no uso da palavra escrita, ao ser semeada na escritura do autor, também é levada ao sabor da sua mensagem, semeando assim, a sua história.

O NASCIMENTO DE PARINTINS

A história registra o processo de genocídio em larga escala dos povos indígenas, não somente no baixo Amazonas, mas em todo o continente americano. A necessidade de aculturação fez-se necessária, na visão do colonizador para exercer o domínio sobre a terra e os povos que nela habitavam. A dominação impunha (e impõe) isso:

A actual cidade de Parintins não abriu excepção: Nas explorações que o governo portuguez mandou fazer no rio Amazonas, ao tempo do Brasil colonial, trabalhos esses desempenhados patriótica e intelligentemente, foi reconhecida a existência das ilhas que ficam à margem direita e umas das quaes se localisavam os Tupinambás, quando, fugindo às perseguições, que sofreram no Perú, voltavam a occupar a região de onde haviam sahído e que tinha o nome de Maracá.

Na ilha que fica separada desta, pelo paraná do Limão, estavam localisadas as tribos dos *Sapupés* e *Maués*. E em uma das viagens que alludimos, ficaram n'esta o Capitão José Pedro Cordovil, com seus escravos e aggregados, isto em 1796, para dedicarem-se a pesca do pirarucu, nos lagos próximos e também a agricultura. Aquellas tribus reuniram-se em 1798,

Peruvianos e Uapixanas vindo deportados do Rio Negro, por crimes que haviam cometido. (BITTENCOURT. 1924, p. 13)

Com a vinda de José Pedro Cordovil, a vida dos habitantes da terra tornou-se difícil, pois não foi uma invasão pacífica e muitos moradores do lugar foram mortos ou subjugados para atender às mudanças do novo tempo que estava sendo impostas pelos europeus.

E a área, posteriormente registrada ao município de Parintins, sofreu enormes mudanças, pois o contato com o colonizador transformou, de forma irreversível, toda a sua cultura e conseqüentemente, a vida destes povos. E o nome do lugar também sofreu alterações no decorrer do tempo, como diz o historiador “esse local tem passado por diversas denominações: primeiramente chamou-se Tupinambarana. Depois Villa Nova da Rainha. Mais tarde, de novo Tupinambarana. Depois Villa Bella da Imperatriz e por último, quando elevado à comarca e cidade, Parintins” (BITTENCOURT. 1924, p. 13). A vontade de agradar a Rainha portuguesa D. Maria I, para conseguir benefícios para a localidade e principalmente para si, está representado aí, nesta prática de José Pedro Cordovil.

Segundo o bispo e historiador Dom Arcângelo Cerqua, “o território de Parintins vai da Serra ao Paurá e em ambos destes lugares há vestígios de antigos aldeamentos indígenas” (CERQUA, 1980, p. 11). Estes vestígios também foram descobertos em vários lugares dentro da cidade de Parintins. Muitos artefatos arqueológicos foram encontrados, mas devido à falta de conhecimento de quem os encontrava, não foi dada a importância necessária para o registro histórico.

Muitas histórias foram narradas ao redor da mesa, sobre os povos que moraram em Parintins – que foram fundamentais para a constituição de identidades - e apesar de muitos relatos terem sido transcritos, muita coisa se perdeu no compasso da oralidade. Como a história de Terezinha da Silva Ferreira², moradora do “Parananema de baixo”, comunidade próxima ao local chamado Vila Cristina, nas suas lembranças dizia que Maria Portilho da Silva (sua mãe), comentava que próximo à sua casa, foram encontradas muitas partes de peças de cerâmica produzidas pelos indígenas. Comentava também, que o seu esposo, Manoel Antonio da Silva, era filho biológico de Marciana Brasil (segundo os seus relatos, era filha de indígenas), com Marcos Zagury, comerciante judeu, que aqui fez sua morada, mas que não pode dar seu nome ao menino, pois era casado. O padrinho legou o nome Silva, ao Manoel. Percebe-se assim, a miscigenação do povo americano com os dos outros continentes, assim

² Todas as informações relacionadas à oralidade foram concebidas através de entrevista concedida em 16/07/2015 por Terezinha de Jesus da Silva Ferreira, moradora de Parintins.

como o distanciamento cultural existentes nas raças, predominando a de quem detinha o poder.

Posteriormente as casas construídas nos moldes europeus foram tomando conta do espaço habitado das malocas e a cidade foi ganhando um novo formato. Vários migrantes e imigrantes adotaram o município de Parintins como o seu lar:

Guardo muitas e gratas lembranças do tempo inesquecível em que a vontade de Deus nos conduziu a essa região sempre lembrada do Paraná do Limão, área rural do município de Parintins, onde fixamos residência para dar início a uma nova vida, depois dos primeiros anos de Zé-Açu, comunidade bem próxima desta querida cidade de Parintins, onde meu pai ainda bem moço foi trabalhar como foguista numa usina de extração da essência de pau-rosa, de propriedade do conceituado cidadão Ernesto Hauradaur, e nacionalidade francesa, meu querido padrinho de batismo e amigo muito estimado da família. (GONÇALVES, 2012)

E assim, a cidade foi tomando um novo formato, com a chegada de várias pessoas de outros lugares do Brasil, como também, de imigrantes franceses, italianos, japoneses, dentre outros. Parintins absorveu a cultura de todos esses povos, que ao longo da sua história vem sendo contada nos relatos dos viajantes, nas conversas dos antigos, nas escrituras dos historiadores e na prosa e poesia da literatura.

SOB O OLHAR DO ESCRITOR

Parintins foi escrita segundo a visão dos relatos dos viajantes, que falavam dos povos que aqui habitavam, da valentia e estratégias de luta, como pode ser visto no relato de Carvajal, na passagem dele e Orellana quando navegavam pelo rio Amazonas, passando pela ilha habitada por povos indígenas: “pernoitaram em frente a uma aldeia e foram atacados pelos índios com flechas envenenadas” (SAUNIER, 1990, p. 118). Muitas coisas aconteceram a partir destes relatos, Parintins foi tomando forma na escritura dos historiadores. Daí nasceu a necessidade de expor mais sobre este espaço, e desde então, a cidade revela-se sob o olhar da literatura, como está exposto em *O Andaluz*:

Quanto a mim, estou em Vila Bela da Rainha em busca daquilo que as pessoas da minha idade quase sempre procuram: uma vida sossegada. Dobrei os sessenta anos e preciso da paz e do ar puro desse lugar. Meu genro Pierre Latin, que é médico geriatra, vivia a me dizer: “Tomás de Aquino Brandão, vá para Vila Bela da Rainha, lá encontrarás o pedaço da felicidade que te falta”. E eu logo lhe indagava: “E o outro pedaço?” Latin, como um típico francês, prendia os lábios por alguns segundos e soltava: “Ora, ora, o outro

lado da felicidade está no teu coração, homem! Então um dia, foi possível vir. (NOGUEIRA, 2012, p.11)

No livro *O Andaluz*, o autor apropria-se do narrador-personagem para falar sobre os loucos, mendigos, marginalizados de *Vila Bela da Rainha*, que na realidade é Parintins. Ao criar a ficção, infiltra na construção dos seus escritos, personagens verdadeiros, que já fizeram parte da história desta cidade, como Mimi, Tibinga, Lalina, Adolfo Florido (conhecido também, como Adolfo Lourido), dentre outros que criaram um mundo próprio para fugir da realidade. Vila Bela da Rainha na ficção ou a real Parintins, tem um histórico significativo de personagens loucos. O porto recebe de braços abertos nos navios de linha, muitos mendigos (ou porque foram embarcadas à força) que ainda hoje, utilizam-se da Ilha para seu pouso, provisório ou não. Sobre a loucura, o filósofo francês enfatiza que:

Na loucura, a totalidade alma-corpo se fragmenta: não segundo os elementos que a constituem metafisicamente, mas segundo figuras que envolvem, numa espécie de unidade irrisória segmentos do corpo e ideias da alma. Fragmentos que isolam o homem de si mesmo, mas sobretudo que o isolam da realidade” (FOUCAULT, 1997, p.32)

Foucault, com os seus posicionamentos sobre a loucura humana, aprofunda o entendimento sobre a dualidade alma-corpo que, ao fragmentar-se, cria uma barreira com a realidade. E essa percepção, Nogueira transcreveu em *O Andaluz* criando mundos para as personagens apátridas: São isolados da vida social e política daquela sociedade. O narrador-personagem assim expõe a sua preocupação em relação aos loucos da cidade:

Preocupo-me agora com a situação de todos os loucos da cidade. É isso que me traz à prefeitura, onde aguardo o momento de falar com o prefeito. Quero demovê-lo da ideia de expulsar os loucos que não têm parentes nesta cidade, isso me deixou meio assustado[...]
 - Há muitos loucos nesta cidade, porém não os vejo incomodar a ninguém, senhor prefeito – Insisti.
 - Não incomodam, mas enfeiam a cidade senhor Tomás. Há lugares mais apropriados para os loucos. Aqui eles tiram o sossego dos sãos e afugentam os turistas. E assim espantam o dinheiro – salientou, enquanto o assessor entroncado estende-lhe uma pasta entupida de documentos.” (NOGUEIRA, 2014, p. 22).

O que se lê na ficção, pode ter ocorrido na vida real, como o caso de Aisten Ferreira, que, com distúrbios de esquizofrenia, saía pelas ruas de Parintins. Um dia não voltou para a sua casa. Os familiares preocupados, procuraram-no por toda a cidade. Quase dois

meses depois, descobriram que estava em uma cidade do Pará. Foram buscá-lo. Estava em estado deplorável. Perguntado como havia chegado àquela cidade, ele dizia que alguém o havia empurrado para dentro do barco. A representação da realidade está presente na literatura, quando denuncia as atrocidades cometidas no mundo real.

Em *Cinzas do norte*, uma das personagens faz referência a cidade de Parintins, colocando-a como uma cidade encantada:

Lembrei da minha tia que na infância eu escutava Ranulfo contar histórias de suas andanças pela Amazônia até chegar a Belém; a viagem de Belém a Manaus foi cozinheiro e maquinista de embarcação, e por pouco não ficou em Parintins; às vezes, logo no início do programa *Meia-noite nós dois*, tio Ran suspirava: “Ah, Parintins, aquela ilha encantada. (HATOUM, 2005, p 59).

Em outra passagem de *Cinzas do norte*, as personagens comentam sobre a festa folclórica do boi-bumbá:

Almoçamos no Barriga Cheia, na rampa do Mercado: feijão com jerimum e maxixe, peixe frito, arroz e farinha. Depois jogamos sinuca com práticos e carregadores do porto. No meio da tarde, Mundo quis ir sozinho até o centro para pagar uma dívida; demorou quase uma hora, e chegou sorrindo com algum segredo no rosto. Um freguês do restaurante avisou: o pessoal do Boi Vermelho já estava trabalhando para o festival de junho. [...] Avisara que queria o filho à mesa na última noite: por onde andava?
 “Parintins”, eu disse. “Visitamos o galpão do Boi Vermelho. Ele ficou por lá, trabalhando.”
 “Vadiando, isso sim.” Afastou o prato, virou o corpo para trás e percebeu a sombra de Macau. “Boi-Bumbá...uma asneira. Começam a vadiar nesta época. Em março pedem dinheiro para o festival, e em junho ninguém trabalha mais.” (HATOUM, 2005, p. 75;77-78)

Nesta passagem, o autor sob a voz da personagem tece críticas à maneira como se emprega o dinheiro que o Estado e patrocinadores doam às duas agremiações de boi-bumbás de Parintins. Quando a personagem diz “Vadiando, isso sim”, “Boi-Bumbá...uma asneira. Começam a vadiar nesta época”, está representando a fala de muitos habitantes da cidade que pensam desta forma, imaginando que quem está envolvido com o boi-bumbá não exerce outra atividade além da festa bovina. E principalmente, quando sabedores dos valores repassados para cada agremiação, podem comentar sobre o desvio destas verbas, imaginando o enriquecimento ilícito do governador e dos presidentes e diretorias.

A literatura é um reflexo da realidade, como um grande espelho no qual “eu não estou só quando me contemplo no espelho, estou possuído por uma alma alheia” (BAKHTIN, 2011,

p. 31) e assim o autor expõe a sociedade da forma com a vê, tecendo as suas inferências na voz do narrador ou personagens.

Parintins, no início dos anos 80 do século XX, também chamou a atenção do escritor Márcio Souza para escrever *A ordem do dia: folhetim voador não identificado*. Acre e sarcástico, utiliza-se da ficção para retratá-la: “Parintins era o mais perfeito buraco que um mortal poderia escolher para matar as suas ilusões. E tinha sido ela mesma a cavar aquele buraco escaldante. Situada à margem direita do Rio Amazonas, mais parecia uma cidade em permanente estado de coma” (SOUZA, 1983, P. 26). O narrador analisa a cidade a partir das mazelas sociais que assolavam o país e não somente uma pequena cidade do interior.

Nesse período muitas histórias surgiram em torno de um objeto não identificado que o povo o denominou “Chupa-chupa”. Muitos moradores das comunidades próximas, que fazem parte do município de Parintins, estavam apavorados, pois segundo relatos a tal aparição ocorria nas madrugadas. O livro *A ordem do dia: folhetim voador não identificado*, trata deste tema como uma grande rede de conspirações, envolvendo a cidade em questão, SNI, CIA, KGB, poltergeist, Brasília, satirizando o irreal e o real, de um país que não estava voltado para as necessidades de sua população:

Você não sabe o que é alienação até conhecer Parintins, os estudantes não sabem de nada. E quando eu digo nada, é nada mesmo. Eles nunca ouviram falar do Projeto Jari, você acredita? Lá tem um curso de letras e os estudantes nunca leram um livro de Jorge Amado nem sabem quem é. A alienação é muito pior do que o calor, vai matando a gente aos poucos, embrutecendo as pessoas. (SOUZA, 1983, p. 49)

O personagem questiona a falta de uma educação de qualidade, criticando a pobreza de conhecimento e envolvimento dos habitantes desta ficção. Souza utiliza o discurso da personagem para criticar o ensino público deficiente e a alienação dos alunos. Esse envolvimento com a personagem é pontuado por meio das palavras, pois “pode-se dizer que, por meio da palavra, o artista trabalha o mundo, para o que a palavra deve ser superada por via imanente como palavra, deve tornar-se expressão do mundo dos outros e expressão da relação do autor com esse mundo (BAKTIN, 2011, p 180). E generalizando, o autor apropria-se da personagem para dizer tudo o que pensa sobre a cidade e seus habitantes.

Não somente na prosa, Parintins foi mencionada, mas também na poesia. Vários poetas e letristas têm falado sobre ela:

Parintins, a ilha do poeta

(para Tonzinho)

Poesias, contos,
Versos lindos, rimas belas
Que o poeta sempre declamou.
Parintins, a ilha encantada,
Que o poeta sempre decantou.
Do seu “Magnífico Folclore”
da “Saudade da Saudade”,
da “Várzea e Terras-firmes”
da ilha de Tonzinho,
onde o poeta voou, pousou,
amou...
Fez o seu ninho!
Sua inspiração,
Dádiva do criador,
Ficou plantada nesse chão.
Certamente, lá de cima
Tonzinho está olhando com
saudade a ilha que sempre o
encantou,
que foi o seu amor primeiro,
e ele, seu fiel companheiro!
Lutou incessante,
contra os ignorantes da cultura,
contra a ganância
e o desinteresse dos nossos
governantes.(SAUNIER, 2013, p. 61)

Poema escrito em versos livres, irregulares, no qual o tema, apesar de estar voltado para a “Ilha do poeta”, também presta homenagem à produção poética de Tonzinho Saunier, através dos títulos utilizados nos poemas “Que o poeta sempre decantou” “Do seu “Magnífico Folclore””, corresponde à menção dos vários poetas que já compuseram sobre esta cidade, principalmente na importância cultural, econômica e política do Festival Folclórico de Parintins. Nos versos “Lutou incessante”, “contra os ignorantes da cultura”, “contra a ganância” “e o desinteresse dos nossos” “governantes”, vai dar consistência ao que Souza já indicava em *A ordem do dia: Folhetim voador não identificado*, quando criticava a cidade.

Os letristas também escreveram as suas canções para homenagear Parintins, como no caso de Chico da Silva e Fred Góes, que em 1983 - no mesmo período em que Márcio Souza lançava o seu “folhetim voador não identificado” - os seus versos eram cantados:

Cantiga de Parintins

Chico da Silva/Fred Góes

Na ilha tupinambarana
 nasceu Parintins
 Que eu vou decantar
 Parintins dos Parintintins
 é o nome da tribo
 Desse lugar

No seio da mata virgem
 A pureza das araras
 O som do silêncio morno
 A maloca dos caiçaras
 O canto da ariranha
 Barranco do rio mar
 O som rouco do remanso
 O mormaço branco no ar
 O cantar do miri-miri
 Mari-mari e taperebá
 O cheiro do muruci
 O vinho de patauá

O lombo de peixe-boi
 Pirarucu bem assado
 Piracuí de bodó
 Tucunaré moqueado
 Manja de turma se esconde
 A outra vai procurar
 A tribo das andirás
 E a dança do tangará
 Terra de dona Siloca
 Pastoras e o meu boi bumbá
 A pesca da piraíba
 Viração de tracajá

Na ilha tupinabarana...

Aqui nestes versos, também observamos uma certa irregularidade métrica, apesar de alguns versos apresentarem rima, o que dá uma maior sustentação melódica para a canção. Na primeira estrofe, fala dos primeiros habitantes do lugar, povos indígenas, identificando-os como os Parintintins. A segunda estrofe apresenta a leitura plástica do lugar descrevendo o espaço. Na terceira, a descrição da cultura e costumes. Os letristas fazem questão de mostrar o cotidiano da vida do parintinense: simples, apreciador da dança, da música, da cultura popular e extremamente criativo para sobreviver, numa relação homem/natureza.

A literatura portanto ao utilizar o veículo propagador como o romance, poema ou canção faz-se necessária para mostrar a realidade, o poder ou as limitações humanas dentro de uma sociedade que precisa de transformações, muitas vezes, imediatas para melhorar a

qualidade de vida dos seus habitantes. A literatura como um ato reflexivo do ser humano, ganha consistência e visibilidade no qual “o conhecimento das informações ou dos dados isolados é insuficiente. É preciso situar as informações e os dados em seu contexto para que adquiram sentido. Para ter sentido, a palavra necessita do texto, que é o próprio contexto, e o texto necessita do contexto no qual se enuncia” (MORIN, 2000, p 36), pois a palavra não está isolada, existe todo um contexto ligando a ficção à realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura perpassa o tempo e o espaço, onde o artista apropria-se das palavras para escrever o que pensa a respeito do seu objeto de estudo. E nessa escritura, o narrador, personagens ou eu lírico, são os intérpretes da sua alma. É nesta construção das palavras que ele expõe e se expõe ao ver o seu romance ou poema lido, criticado ou apenas rejeitado pelos leitores.

E isso ficou claro nos fragmentos expostos de Wilson Nogueira, Márcio Souza, Milton Hatoum, Alfredo Saunier, Chico da Silva e Fred Góes, onde cada um, a sua maneira, através dos subterfúgios literários, vê a cidade de Parintins. A realidade transplantada para o campo ficcional. Estes escritores mostram um retrato desta cidade do século XX, negligenciada, sem ensino de qualidade, sem políticas públicas que atendessem aos anseios da população.

Ao expor a cidade, portanto, o leitor toma para si todas as informações pertinentes àquele espaço, criando conceitos pré-estabelecidos pelos autores através das homenagens, cobranças e denúncias contidas nas escrituras do romance, poema, canção. A literatura é palavra e palavra é poder. Poder de transformação.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikail. **A estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 2011.
- BITTENCOURT, Antonio C. R. **Memória do Município de Parintins** – Estudos históricos sobre sua origem e desenvolvimento moral e material. Manaus: Livraria Palays Royal. 1924
- BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras. 1992
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade: Estudos da teoria e história literária**. 13ª edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre o Azul. 2014
- CERQUA, Arcângelo. **Clarão de fé no médio Amazonas**. Manaus: Imprensa Oficial. 1980

- FOUCAULT, M. **A história da loucura**. São Paulo: Perspectiva. 1997
- GONÇALVES, Glaucio Bentes. **Parintins nas minhas lembranças**. Manaus: Editora Aram. 2012
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**; tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya ; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. ed. – São Paulo : Cortez. 2000
- NOGUEIRA, Wilson. **O Andaluz**. 2ª edição. Manaus, Am: Editora Valer. 2012
- SAUNIER, Alfredo. **Identidade Cabocla**. Revisão Tony de Saunier. Parintins,Am: Gráfica e Editora João XXIII. 2013
- SAUNIER, Tonzinho. **Parintins**: memórias dos acontecimentos históricos. Manaus: Valer. 2003
- SOUZA, Almir. **Samaumeira**. Disponível <:<http://www.famaamazonica.com/editorias/a-42Samaumeira.html>>Acesso em 23/08/2015 às 11:45h
- SOUZA, Márcio. **A ordem do dia**: volhetim voador não identificado. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Ltda. 1983